

CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE EM AÇÃO: O LEGADO DE RUDOLF STEINER

SCIENCE AND SPIRITUALITY IN ACTION: THE LEGACY OF RUDOLF STEINER

*¹Francine Marcondes Castro Oliveira; ²Cristina de Amorim Machado; ³Ourides Santin Filho; ⁴Valdeni Soliani Franco.

^{1 2 3 4}Universidade Estadual de Maringá-UEM;

*Autora correspondente: e-mail: fran.ufpr@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se examinar a interação entre ciência, espiritualidade e realizações no percurso de vida de Rudolf Steiner, bem como os impactos desta relação na convivência da obra do autor com a comunidade acadêmica. Para isso, procedeu-se a um exame sistemático de diversas biografias de Steiner, bem como uma coleta de dados em algumas de suas principais produções nos campos da agricultura, da pedagogia, da arquitetura, da farmácia e da medicina. Os dados coletados foram associados a averiguações sobre o estado de desenvolvimento de iniciativas antroposóficas no Brasil e no mundo. Constatou-se que há simbiose entre ciência e espiritualidade na obra de Steiner, e que essa relação foi produtiva, a despeito de resistências da comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Rudolf Steiner. Ciência e espiritualidade. Antroposofia. Pedagogia Waldorf.

ABSTRACT

This study aims to comprehend the interaction between science, spirituality and the achievements along Rudolf Steiner's life, as well as the impacts of this relation on the coexistence of the author's work with the academic community. To this end, a systematic examination was conducted on several Steiner's biographies, in addition to a data collection in some of his main works on the fields of agriculture, pedagogy, architecture, pharmacy and medicine. The collected data was associated to the surveys regarding the state of development of the anthroposophic initiatives in Brazil and over the world. It was verified that there is symbiosis between science and spirituality in the Steiner's writings, by which was considered productive despite the resistance of the academic community.

Keywords: Rudolf Steiner. Science and spirituality. Anthroposophy. Waldorf Pedagogy.

1. INTRODUÇÃO

Tendo vivido em um mundo fortemente influenciado pela perspectiva positivista (a Europa do final do século XIX e início do século XX), Rudolf Steiner (1861-1925) – jornalista e filósofo austro-húngaro que inaugurou a Antroposofia e a Pedagogia Waldorf – constituiu-se como um pensador que valorizava a verificação empírica como critério para a construção do conhecimento científico.

Os significados de “empírico” na concepção steineriana e na versão hegemônica da ciência moderna, entretanto, jamais foram coincidentes, uma das razões pelas quais suas produções foram consideradas “pseudocientíficas” e tratadas como impróprias ou desajustadas ao meio acadêmico ao longo da história.

Ao rememorar suas experiências de infância, Steiner [1] afirma que desde antes dos oito anos de idade “[...] distinguia objetos e seres ‘que se vêem’ e outros ‘que não se vêem’.” Esta

forma de percepção foi a base para o desenvolvimento de suas pesquisas ao longo de toda a vida.

A extensa produção de Steiner, próxima de 1 milhão de páginas (entre livros e transcrições de palestras), bem como suas ações como conferencista e líder, resultaram no desenvolvimento robusto de numerosos movimentos dedicados à criação e sustentação de versões alternativas para diferentes áreas do conhecimento, tais como: a medicina, a farmácia, a agricultura, a arte, a pedagogia, a economia, a psicologia, a arquitetura, entre outros.

Estes movimentos sobrevivem há quase um século, guiando formas de produção de conhecimento e o desenvolvimento de práticas profissionais que alteram a vida de milhões de indivíduos em todo o mundo.

Para se ter uma ideia da extensão destas influências, a agricultura biodinâmica – movimento iniciado por Steiner em 1924, por meio do proferimento de oito conferências a um grupo de agricultores reunidos em Koberwitz, Breslau, Alemanha – é hoje aplicada em aproximadamente 200 mil hectares de terras cultiváveis, em 50 países, sendo considerada como o primeiro movimento da agricultura orgânica mundial.

Nadia El-Hage Scialabba, ao prefaciар o livro *Organic farming: an international history* [2] – na qualidade de diretora sênior de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) para Agricultura e Alimentação – escreve:

When does the history of this thing we now call ‘organic agriculture’ begin? Some say that it actually began thousands of years ago, when hunter-gatherers settled down and took up farming. After all, farmers of the remote past certainly did not have to deal with synthetic chemicals! However, true organic agriculture is practised by intent, not by default; you do not automatically become organic simply because you never used prohibited chemicals anyway. This makes it clear that organic agriculture started much more recently. It is hard to specify exactly when, but early landmarks include the founding of biodynamic agriculture in the 1920s, the emergence of a strongly organized movement in the UK in the 1940s and the promulgation of the first organic production standards in the 1960s. [2]

Não obstante, no capítulo *The science of organic farming*, do mesmo livro, o autor D. H. Stinner, sem deixar de reconhecer a contribuição da influência steineriana para o desenvolvimento da agricultura orgânica, pontua que a construção teórica de Steiner “[...] envolve ideias que vão muito além do que a maioria dos cientistas agrícolas consideraria científico em qualquer sentido.” [2]. E o autor completa seu raciocínio ressaltando que, apesar disso, o método científico tem sido aplicado para explorar e avaliar as contribuições da biodinâmica. Uma construção textual que diz muito sobre a concepção dele sobre a natureza e a produção de Steiner.

A grande questão envolvida diz respeito ao fato de a agricultura biodinâmica se basear na consideração de que forças cósmicas invisíveis atuam sobre as culturas, os animais e o solo, além de propor a integração destas forças no processo de cultivo [3]. Ela parte ainda de pressupostos como o da existência de um sentido profundo na adubação, uma necessidade de se estabelecer um equilíbrio vital entre a lavoura e a pecuária, e de que há uma atuação de seres espirituais elementares no processo. Tais aspectos, vistos como não científicos, foram considerados como acidentais e não contribuintes reais para a produção agrícola biodinâmica [4], entre aqueles que a analisaram de fora.

Não obstante, Steiner referia-se a grande parte de suas produções como científicas e, muitas vezes, tentou argumentar em favor desta concepção. Essa defesa não teve êxito, e não há qualquer parte de sua obra que tenha recebido consistente reconhecimento de cientificidade. A efervescência de considerações a respeito do papel espiritual de sua personalidade, em contrapartida, dominou a cena, e é possível notar que Steiner respondeu a essa demanda. As evidências indicam que esse foi o principal motivo de ele ter sido exilado do meio acadêmico.

O fato é que, ao iniciar a escrita de sua autobiografia, dois anos antes de sua morte (1923), Steiner é o líder de uma vasta comunidade de estudiosos e trabalhadores, abrangendo várias partes da Europa. Desta forma, a primeira versão desta obra foi fracionada em setenta artigos sucessivos, publicados no ritmo da própria produção, no periódico *Das Goetheanum*, um semanário internacional de antroposofia. Após o falecimento de Steiner, sua viúva, Marie, organizou estes artigos em 38 capítulos para compor o livro intitulado *Minha vida: a narrativa autobiográfica do fundador da antroposofia* [5].

O tom desta publicação é notadamente derivado do papel assumido pelo autor diante dos indivíduos que de alguma forma se ligaram à antroposofia naquele contexto histórico. Steiner procura tecer, continuamente, relações entre suas vivências pessoais e o caráter geral de sua obra, sendo destacados na infância e adolescência as influências e impulsos que (segundo sua percepção) lhe encaminharam para a consolidação de sua visão de mundo, algo que acrescenta uma aura romântica à exposição.

A escrita do presente texto foi orientada por esta autobiografia, e objetivou examinar a interação entre ciência, espiritualidade e realizações no percurso de vida de Rudolf Steiner, bem como os impactos desta relação na convivência da obra do autor com a comunidade acadêmica. Sob o termo “realizações” considerou-se as aplicações práticas da teoria de Steiner, que podem ser reconhecidas em áreas diversas, sendo que aqui ganharam destaque aquelas situadas nos campos da agricultura, da pedagogia, da arquitetura, da farmácia e da medicina.

A metodologia aplicada teve uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório e delineamento bibliográfico e envolveu (do ponto de vista dos procedimentos) o estudo sistemático de diversas biografias de Rudolf Steiner (inclusive de sua autobiografia), bem como de suas principais produções nos campos da agricultura, da pedagogia, da arquitetura, da farmácia e da medicina. Além de envolver averiguações sobre o estado atual das iniciativas antroposóficas no Brasil e no mundo.

2. CIÊNCIA, ARTE E ESPIRITUALIDADE: O PERCURSO CRIATIVO DE RUDOLF STEINER

Rudolf Joseph Lorenz Steiner, nasceu em 27 de fevereiro de 1861, em Donji Kraljevec, divisa austro-húngara, e era filho primogênito de Franziska e Johann Steiner – ambos cidadãos de origem humilde, provenientes de Horn, Áustria [1].

Durante seus 64 anos, Steiner viveu em várias partes da Europa Central. Seu nascimento em região fronteiriça, entre o leste e o oeste europeus (onde hoje se situa a Croácia) foi simbólico em sua própria concepção. Tal acontecimento antecipa o significado do papel que ele exerceria mais tarde, por exemplo, em seu esforço por conciliar espiritualidade e ciência, o mundo oculto e a cognição.

Ficam evidentes, em *Minha vida*, as condições economicamente precárias da família do pensador. Seu pai fazia jornadas de trabalho de três dias e três noites consecutivas para 24 horas de descanso [1]. Marca da exploração de mão de obra do século XIX.

Aos dezoito anos Steiner ingressou na Academia Técnica, em Viena. Neste contexto, estudou filosofia com Franz Brentano (1838-1917) – uma importante influência de suas ideias psicológicas e de sua fenomenologia –, e teve aulas de literatura alemã com Karl Julius Schröer, que lhe iniciou nos estudos da obra goetheana. Em 1882, por influência deste professor, Steiner foi convidado a trabalhar como editor das obras científico-naturais de Goethe para a *Deutsche National Literatur* (uma imensa edição que abrangeu mais de 200 obras clássicas de vários autores). Este trabalho teve impactos importantes sobre o desenvolvimento do trabalho futuro do criador da antroposofia.

Goethe foi a influência mais importante do pensamento steineriano. A partir da fenomenologia daquele autor, Steiner encontrou respostas para sustentar sua própria objeção ao materialismo. Goethe era um evolucionista e, portanto, enxergava uma linha de continuidade entre os seres vivos – rejeitando a ideia de que havia alguma diferença essencial nos seres

humanos. Não acreditava, contudo, que um método científico baseado numa concepção materialista fosse capaz de captar algo a respeito da natureza da vida. Poeticamente, o autor expressa:

O pobre bichinho treme na rede, perdendo as cores mais bonitas; e mesmo quando se consegue pegá-lo intacto, ele acaba sendo espetado rígido e sem vida; o cadáver não é o animal inteiro; falta-lhe algo, algo essencial, e nesta ocasião como em todas as outras, algo essencial e principal: a *Vida*. [6]¹

Utilizando seu próprio método fenomenológico, Goethe fez algumas contribuições para a ciência natural, dentre as quais pode-se destacar: a descoberta do osso intermaxilar, uma teoria das cores alternativa à versão newtoniana e sua teoria da metamorfose das plantas – segundo a qual toda a estrutura da planta é constituída por derivações da estrutura da folha [7].

Para Steiner o que importava, entretanto, não era se os resultados de Goethe correspondiam “[...] ora mais ora menos ao progresso da atual Ciência, e sim unicamente como ele abordava os problemas.” [8]. Como explica Bach Junior [9], “a fenomenologia goetheana concerne o conhecimento como o processo de unificação da realidade com o eu.”, enquanto as concepções dualistas de ciência e filosofia “[...] separam o eu da realidade.” Será possível notar, mais adiante, que esta premissa de Goethe foi expandida por Steiner em sua filosofia da liberdade.

A primeira obra de Goethe com a qual Steiner teve contato foi *Fausto* (uma versão editada por Schröer). Este contato inicial foi, possivelmente, o primeiro impulso para o desenvolvimento da antroposofia.

No período entre 1884 a 1890, Steiner teve sua primeira experiência como educador. Por indicação de Schröer ele foi admitido por uma família de origem judaica para ser o preceptor de quatro crianças. A mais nova delas, Otto Specht, de 10 anos, tinha hidrocefalia e apresentava necessidades educativas especiais. Steiner se convenceu de que o problema físico da criança poderia ser vencido por meio de um fortalecimento mental. Aplicar esta ideia lhe demandou grande esforço, mas ele obteve bons resultados pedagógicos. Steiner permaneceu como preceptor do menino até ele completar 16 anos. Otto se formou em medicina e faleceu no exercício do serviço militar durante a Primeira Guerra Mundial.

De 1886 a 1892, Steiner fez suas primeiras publicações (*Fundamentos de uma gnosiologia da cosmovisão goetheana* (1886), bem como cinco volumes referentes aos escritos científico naturais de Goethe (1890)), desenvolveu conferências sobre a obra goetheana e

¹ Goethe citado por Steiner em *A obra científica de Goethe*.

doutorou-se em filosofia com a tese que, mais tarde, resultaria na publicação de *Verdade e ciência: prelúdio a uma filosofia da liberdade* [10].

Em Weimar, onde passou a residir neste período, conheceu Ernst Haeckel (1834-1919) e pode assistir a uma exposição de Hermann Helmholtz (1821-1894) com o tema *Os pressentimentos de Goethe sobre futuras ideias das ciências naturais* (1892), na Sociedade Goethe. Em sua autobiografia, nota-se que Helmholtz lhe causou forte impressão, sendo responsável pela reformulação de algumas de suas concepções a respeito, sobretudo, da teoria das cores de Goethe [1].

Em 1894 Steiner publicou sua mais importante obra filosófica *A filosofia da liberdade* [11] cujo subtítulo era: *fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo método das ciências naturais*. A que método científico Steiner se referiu? Por que ele pretendeu aplicar este método em uma obra filosófica? O que Steiner discute nesta produção?

Dado o contexto histórico e suas crenças sobre em que consistia o método científico das ciências naturais, Steiner estava se referindo ao método indutivo. O motivo de ele relacionar este método à produção de uma obra filosófica se deu em função de afirmar que suas inferências não eram dedutivas ou puramente baseadas no exercício da razão, mas produzidas por meio da observação e experiência (suprassensível).

Segundo Welburn, tendo sido escrita pelo filósofo aos 30 anos, *A filosofia da liberdade* foi o “testamento filosófico” de Steiner, além de constituir o “[...] ponto de partida para a compreensão de sua subsequente linha academicamente menos ortodoxa.” [12].

Neste livro, as duas questões seguintes estão entre as mais relevantes: a. É possível ao ser humano alcançar a liberdade individual, e poderia esta ser ética? b. Quais são os limites da cognição, considerando-se a relação entre sujeito e objeto?

Quanto à primeira questão, Marcelo da Veiga oferece uma explanação muito esclarecedora a respeito da discussão steineriana:

A visão tradicional descreve o homem como ser sujeito a impulsos inferiores e animalescos, anti-sociais etc., devendo submeter-se a uma ordem superior – Deus, Estado, Civilização, Família, Consciência – para tornar-se ético. [...]. O instinto natural aparece assim como ‘humano’, e as normas uma repressão inevitável para que o homem possa viver em comunidade. Libertação é vista neste contexto, como um processo de desinibição da Natureza, inibida pelas normas ‘morais’. [...].

Rudolf Steiner tenta recuperar em sua *Filosofia da liberdade* o conceito de individualidade, descrevendo um caminho para o ‘individualismo ético’. O ponto central do individualismo ético é que o homem não consegue ser livre e ético sendo escravo de seus instintos ou submetendo-se às normas morais. O teor de ética no mundo se constitui das ações baseadas em liberdade. Liberdade é moralidade.

Quando, porém, o homem é realmente livre? Ele é livre quando age a partir de impulsos realmente próprios, ou seja, quando uma ação é determinada só por ele, como instância autoconsciente. [13]²

Em relação aos limites da cognição, Steiner defende o monismo, porque concebe uma ligação fundamental entre o sujeito e o objeto, concretizada pela atividade do pensamento. Somos parte da natureza e, sendo assim, nossa atividade pensante é ela própria uma manifestação da natureza. “Com efeito, por mais verdadeiro que seja que nos afastamos da natureza, sentimos, todavia, que estamos dentro dela e a ela pertencemos. Só pode ser a sua própria atuação que vive também em nós.” [11].

Percebe-se, portanto, que as ideias de liberdade e gnosiologia steinerianas são afetadas por sua consideração de que uma atividade do espírito pode se tornar consciente e autoguiada. No meio antroposófico considera-se que, ao escrever *A filosofia da liberdade*, Steiner não apenas lançava suas concepções, mas também prescrevia um método para a “[...] autotransformação do pensar meramente intelectual num pensar contemplativo processual.” [13].

Por volta de 1889, Steiner teve seu primeiro contato com uma obra de Nietzsche (1844-1900) – *Além do bem e do mal*. Como registra Welburn, sua resposta ao pai do niilismo moderno foi ambígua. “Steiner via-o como um ‘guerreiro pela liberdade’, ‘uma figura trágica’ [...]” e ele estava fascinado com os textos de Nietzsche, porém também os repelia [12]. Em 1895, Steiner publicou o livro *Friedrich Nietzsche, fighter for freedom*. Pouco tempo antes disso, a irmã de Nietzsche, Elisabeth, havia visitado o Arquivo Goethe-Schiller (Weimar), no qual Steiner trabalhava, e o convidou para ajudá-la na organização do Arquivo Nietzsche. Por ter iniciado este trabalho informalmente, em Naumburg, ele conheceu Fritz Koegel (o editor das obras de Nietzsche) e teve acesso à biblioteca do filósofo, com a finalidade de catalogá-la:

No mesmo mês, Steiner se encarregou desta tarefa e produziu o primeiro catálogo por escrito da Biblioteca de Nietzsche. O manuscrito se encontra ainda hoje guardado no Arquivo Goethe-Schiller (227 páginas, GSA - Número de registro 72/2443). Está catalogado por grupos de assunto e registra também dedicatórias e vestígios de leitura deixados nos livros, assim como os exemplares dos manuscritos das próprias obras de Nietzsche. [14]

Embora Steiner estivesse se sentindo muito empolgado com a possibilidade de estabelecer contato com o legado nietzschiano, sérios conflitos com Elisabeth Förster-Nietzsche o afastaram definitivamente do trabalho, fazendo-o retornar a Weimar [1].

² Grifos do autor.

Nos anos transcorridos entre 1897 a 1900 Steiner esteve envolvido em intensa atividade como conferencista e jornalista. Ele se transferiu para Berlim, comprou duas publicações, o *Magazine para a literatura* (que circulava desde 1832) e as *Folhas dramatúrgicas* – ambos em conjunto com Otto Erich Hartleben (1864-1905) – e atuou em diversas associações – entre as quais a “Die Kommenden” (Os vindouros) e a “Associação Giordano Bruno” – proferindo palestras [15]. Nesta época (1899) também se casou com Anna Eunike.

Die Kommenden era uma associação que mantinha reuniões semanais no primeiro andar de um café na praça Nollendorfplatz. “Este grupo enorme [...] reunia o que havia de mais heterogêneo [...]. A própria Alemanha tinha ali representantes de todas as suas províncias” [16]. Steiner chegou a ser o presidente desta associação. Stefan Zweig (1881-1942) – escritor e dramaturgo austríaco –, que o conheceu neste contexto, expressa assim suas impressões:

Naquele tempo, Rudolf Steiner ainda não chegara à sua própria doutrina, ainda era alguém que buscava e aprendia; ocasionalmente nos falava da *Doutrina das cores de Goethe*, cuja imagem em sua exposição tinha mais de um Fausto, um Paracelso. Era excitante ouvi-lo falar, pois sua cultura era estupenda e grandiosamente diversa, em especial comparada com a nossa, que se limitava à literatura. [16]³

O momento da “virada” na vida de Steiner, que, de certa forma, Zweig considera questionável, estava muito próximo de acontecer. É curioso notar a expressão de pesar que ele e outros autores deixam escapar ao comentar os episódios que fizeram com que Steiner acrescentasse ao seu currículo de filósofo e cientista as atividades de líder ocultista. Neste sentido, este parágrafo de Wilson é muito expressivo:

Se Steiner tivesse morrido antes de se embrenhar no ‘ocultismo’, hoje seria classificado – juntamente com Bergson, Whitehead, Samuel Alexander, Hans Driesch, Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty e Karl Popper – como um filósofo que quis demonstrar que o materialismo científico é estreito demais. [17]

Ocorre que, desde o início dos anos de 1890, Steiner havia começado a se interessar por um movimento intelectual que rapidamente ganhou notoriedade na Alemanha: a teosofia.

A Sociedade Teosófica foi fundada por Helena Blavatsky e mais quinze membros, no ano de 1875, com o objetivo de promover estudos e ensinamentos de natureza religiosa, filosófica e científica com base nas Escolas de mistérios do mundo clássico, bem como no neoplatonismo e no gnosticismo. Nos dez anos que se sucederam à sua fundação, a sociedade passou por dificuldades porque pairaram desconfianças a respeito da integridade de Blavatsky.

³ Grifos do autor.

Steiner deu início aos seus estudos teosóficos por volta de 1889. Havia na teosofia muita coisa que o atraía, por exemplo: a “[...] crença de que a alma humana evolui através de muitas encarnações, e que a ‘salvação’ é realmente um processo de auto-realização.”, além da possibilidade de conciliação entre ciência e religião, dentre outros aspectos [17]. Não obstante, também existiam pontos de tensão “[...] sobretudo por causa de suas diferenças conceituais em relação à interpretação esotérica da vida de Jesus Cristo.” [18]⁴.

De qualquer forma, Steiner passou a integrar a sociedade teosófica em 1902, assumindo no mesmo ano o cargo de secretário geral. A partir de 1903, sua atividade pública pela teosofia foi iniciada e ele realizou centenas de palestras por toda a Europa – da Escandinávia a Roma. Nestas palestras, segundo seus próprios relatos, ele divulgava parte de sua própria doutrina científica e cognitiva para um conhecimento espiritual, o que culminou em controvérsias com seguidores e líderes do grupo. Destacando uma de muitas destas situações de desacordo, Wilson conta: “Um dia, um ouvinte lhe disse que suas idéias não estavam de acordo com as de Annie Besant, líder do ramo inglês da Sociedade Teosófica. Steiner respondeu delicadamente: ‘É mesmo?’, e prosseguiu como antes.” [17].

Por volta de 1900, Marie von Sivers (1867-1948) – atriz poliglota teuto-russa, nascida na Polônia – passou a acompanhar as palestras de Steiner e questionou se ele não estaria disposto a liderar um novo movimento espiritual na Europa. Ao que tudo indica, ela via nele um líder espiritual da maior importância [17]. Em 1903, Steiner e Anna Eunike se divorciaram [1]. Onze anos mais tarde, ele se casou com Marie von Sivers, com quem trabalhou na criação de práticas antroposóficas relacionadas à linguagem e à expressão corporal (euritmia⁵ - 1912).

Steiner fez algumas de suas publicações mais importantes entre 1904 e 1910. Entre elas pode-se destacar: *Teosofia* (1904), *O conhecimento dos mundos superiores* (1905), *Os graus do conhecimento superior* (1908) e *A ciência oculta* (1910). Nessas obras Steiner intenciona afirmar o método antroposófico como “um caminho meditativo que todo ser humano pode realizar [...]” [19] e, portanto, uma forma “empírica” de obtenção de conhecimento. Especialmente em *O conhecimento dos mundos superiores*, ele prescreve exercícios e meios de evolução individual que culminariam no desenvolvimento da suprassensibilidade [20].

Ainda neste momento histórico, depois de proferir centenas de palestras e realizar dezenas de publicações, Steiner se encontra impelido a criar sua própria sociedade. Seu

⁴ Tradução nossa.

⁵ A eurytmia é uma forma de arte criada por Marie von Sivers e Rudolf Steiner. Apesar de ser uma expressão artístico-corporal ritmada, ela não deve ser confundida com a dança, a mímica ou a ginástica. Na eurytmia busca-se a expressão visível da fala e da música, ou seja, nela fala-se e canta-se com o corpo.

rompimento com a Sociedade Teosófica provavelmente teve relação com este fato, porém, o estopim foi uma controvérsia surgida pelo fato de o ramo inglês da sociedade ter levado a público o anúncio de um novo messias, algo com o qual o ramo alemão não concordou. Quando Steiner se desligou da Sociedade Teosófica, uma parcela significativa de membros o seguiu para a recém-criada Sociedade Antroposófica. Embora fundador, nela ele tomou, entretanto, a função de um tutor, vindo a assumir sua presidência apenas em 1923.

Em seguida, desencadeou-se uma série de eventos que consolidaram a figura de Steiner como o líder de um movimento independente. Além da intensa agenda de conferências, foi iniciado um movimento dramático, com a encenação de “Dramas de mistérios”⁶, em Munique (1910-1913), depois ocorreu o surgimento da Eurytmia (1912) e, finalmente, de 1913 a 1920, Steiner conseguiu reunir recursos financeiros (cerca de 7 milhões de francos suíços recolhidos de doações), bem como colaboradores para a construção do Primeiro Goetheanum [19].

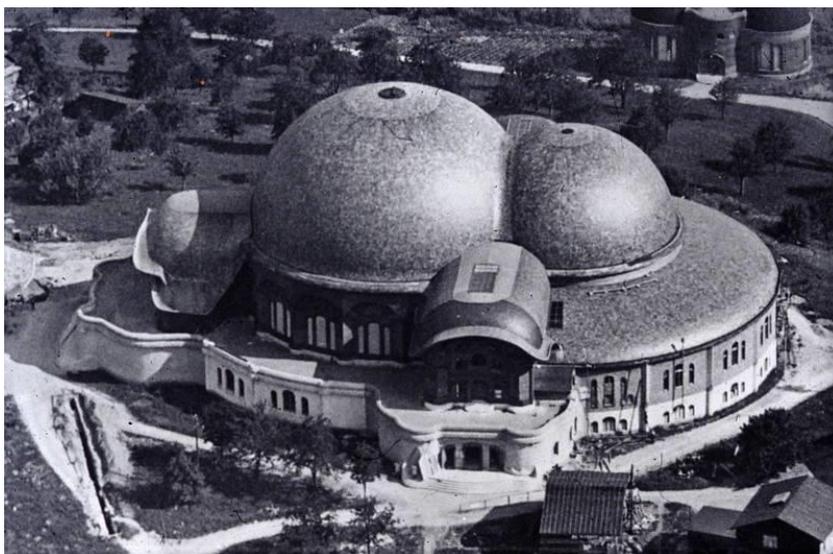
O Goetheanum (Figura 1: Rudolf Steiner como arquiteto: o primeiro Goetheanum visto de cima) foi uma obra arquitetônica projetada por Steiner para ser a sede da sociedade antroposófica em Dornach, Suíça. Como a construção foi iniciada às vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial, só houve condições para que se desenvolvesse porque o terreno cedido a Steiner se encontrava em campo neutro.

Pessoas provindas de dezessete nações participaram da construção. Arquitetos, artistas plásticos e pintores trabalharam sob a orientação de Steiner, consolidando a primeira manifestação da arquitetura antroposófica.

Sobre uma fundação de concreto ergueu-se uma obra de madeira, de duas cúpulas, que representava algo totalmente novo em seu estilo de construção. Problemas matemáticos e técnicos insólitos haveriam de ser dominados, a fim de se poder erguer a cúpula dupla sobre o palco e a platéia para umas mil pessoas. [15]

Figura 1: Rudolf Steiner como arquiteto: o primeiro Goetheanum visto de cima.

⁶ Atividades dramáticas de influência ocultista.



Fonte: [21].

Segundo Sandra Dias Vieira Braga⁷, ao idealizar o Goetheanum, Steiner agregou à arquitetura o princípio da metamorfose – descrito por Goethe como uma lei do mundo orgânico [22] [7]. Neste sentido:

Trata-se de uma construção plástico-orgânica onde os elementos modelados (capitéis, arquivoltas, etc.), que anteriormente eram simplesmente acrescentados à arquitetura, passam a fazer parte desta. E a pintura, como a escultura, também é integrada à arquitetura, sendo que os motivos pintados no interior das cúpulas foram realizados como continuação dos motivos plásticos das arquivoltas. Esta integração das artes alcançada no interior do Primeiro Goetheanum contemplou uma aspiração artística do Art Nouveau: a obra de arte total. [Walter] Gropius fez sua reivindicação por esta integração em 1919 no manifesto da Bauhaus, o que foi depois considerado como princípio artístico desta escola que, na verdade, remonta às aspirações por um renascimento artístico na virada do século. Esta intenção foi alcançada no Primeiro Goetheanum constituindo-se num importante exemplo de obra de arte total. [22]

A partir de 1920, o Goetheanum passou a ser a sede do movimento antroposófico e a abrigar diversas atividades de arte e ensino. Além dele, Steiner projetou e participou da construção de mais nove prédios, aplicando os pressupostos de sua arquitetura. Isto tem influenciado, até os dias de hoje, formas de construção relacionadas à antroposofia, notadamente, de escolas Waldorf.

Com a intensa atividade antroposófica, começaram a surgir demandas de aplicação dela a novas áreas de conhecimento.

⁷ Sandra é mestre em arquitetura e urbanismo pela USP.

Algumas conferências de Steiner já versavam sobre a educação, como por exemplo aquelas que resultaram na publicação do livro *A educação da criança segundo a ciência espiritual* (que ocorreram em 1907). Neste contexto, o conselheiro comercial da fábrica de cigarros Waldorf-Astória, Emil Molt, solicitou a Steiner que fizesse a aplicação dos conhecimentos de sua ciência espiritual à educação, orientando a criação de uma escola para os filhos dos funcionários da empresa [23].

Em abril de 1919, Steiner iniciou um ciclo de palestras que iriam viabilizar o início dos trabalhos na escola. A respeito de suas vivências nesta época, Molt relata [23]⁸:

Como base financeira, eu reservara a quantia de cem mil Marcos do lucro da empresa em 1918. Orgulhava-me dessa grande quantia e fiquei um tanto acanhado quando o Doutor Steiner disse, com toda tranquilidade de alma:

- Certamente é uma soma bonitinha.

Entendi o comentário quando, em agosto daquele ano, começou a contratação. Minha cabeça ameaçou explodir perante o tamanho do quadro docente que ele julgou necessário.

A intenção de Steiner era de desenvolver uma escola que pudesse funcionar como “uma espécie de célula germinativa de uma vida espiritual livre” [24] e seus fundamentos teóricos estavam ancorados em sua própria filosofia, bem como no pensamento de Goethe.

Logo após a contratação dos professores, Steiner lhes ministrou um curso de antropologia e didática que deu origem à trilogia *A arte da educação* (*A arte da educação I* [24], *A arte da educação II* [23] e *A arte da educação III* [26]). O curso envolveu cerca de trinta palestras e 15 colóquios seminarísticos, nos quais foram ensinados pressupostos educacionais da antroposofia. Sendo assim, por meio da fundação da primeira escola Waldorf livre - destinada, inicialmente, ao atendimento de 256 crianças, nos níveis primário e secundário, em Stuttgart, Alemanha – nasceu, em setembro de 1919, a versão steineriana da educação.

A pedagogia Waldorf parte dos princípios da antroposofia, mas a teoria antroposófica não é apresentada aos alunos em qualquer parte da formação. Assim como ocorre até hoje, as escolas Waldorf cumprem o currículo prescrito em cada nação, adicionando a isso conteúdos extra como: o ensino de línguas, instrumentos musicais, artes plásticas, euritmia, artes manuais, marcenaria, trabalhos fundamentais (como o cultivo da terra, a construção da casa, a preparação da lã para o desenvolvimento de peças de vestuário), entre muitas outras. É possível, contudo, que o aluno formado não entenda completamente o que é a antroposofia, já que foi considerado

⁸ Grifo do autor.

desde o início que seu ensino aos alunos poderia funcionar como uma supressão da liberdade de escolha deles.

Segundo um dos críticos de Steiner, o cientista da educação alemão Heiner Ullrich:

A reforma educacional de Steiner deve ser vista no contexto da utopia política radical de uma estrutura tripartida do corpo social proclamada por ele na época. A fundação espontânea de novos estabelecimentos educacionais (escolas de educação infantil e faculdades), cada um com sua própria constituição autônoma e a organização cooperativa de empreendimentos comerciais, pretendia distinguir entre formas apropriadas de governança em três áreas: vida cultural, atividade econômica, e administração política.

O programa político de Steiner, de vida espiritual livre e atividade econômica associativa, fracassou. Por outro lado, sua escola se tornou um sucesso. [18]⁹

A proposta educacional de Rudolf Steiner se insere entre as iniciativas do movimento denominado Escola Nova (que inclui as concepções educativas de pensadores como Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Friedrich Fröbel (1782-1852), John Dewey (1859-1952), Maria Montessori (1870-1952) e notadamente, no Brasil, Anísio Teixeira (1900-1971) e Florestan Fernandes (1920-1995), dentre muitos outros).

A respeito das características gerais das escolas Waldorf, é comum: constituírem instituições sem fins lucrativos, porém financeiramente autossuficientes (organizadas por meio de associações); serem administradas por organizações colegiadas não hierárquicas (muito semelhantes às escolas anárquicas); desenvolverem as avaliações dos alunos por meio de relatos qualitativos dos professores¹⁰; sustentarem que o desenvolvimento da personalidade do aluno depende da distribuição equilibrada entre atividades intelectuais, afetivas e volitivas; entre outras.

A disseminação de escolas Waldorf pelo mundo foi considerável. A respeito disso, Heiner Ullrich registra a evolução do número de escolas Waldorf funcionando entre 1919 e 1992, de acordo com estatísticas publicadas pela União de Escolas Waldorf Livres (ver Quadro 1). De uma escola, em 1919, saltou-se para o número de 582 em 1992.

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Geralmente, um boletim só é constituído numa escola Waldorf no caso da transferência de um aluno. Nesta situação, o relato qualitativo do professor é traduzido em notas.

Quadro 1: Evolução do número de escolas Waldorf funcionando entre 1919 e 1992 de acordo com estatísticas publicadas pela União de Escolas Waldorf Livres, Stuttgart, Alemanha, 1992.

TABLE 1. The number of Rudolf Steiner schools functioning between 1919 and 1992¹⁹

	Germany	Europe	Overseas	Total
1919	1	0	0	1
1925	4	3	0	7
1938	8	8	0	16
1955	25	8	8	41
1971	32	42	21	95
1983	80	154	76	350
1992	144	289	149	582

Fonte: [18].

Segundo o instituto alemão Freunde der Erziehung Kunst Rudolf Steiner (2016), há cerca de 1.063 escolas Waldorf de Ensino Fundamental atualmente no mundo, sendo que estas se encontram distribuídas entre 61 países. Quanto às escolas de Educação Infantil, estão próximas de 2.000 [27].

Apesar de o credenciamento de escolas Waldorf ser rigorosamente controlado por federações antroposóficas (e envolver um longo processo de compatibilização da escola com os pressupostos educacionais antroposóficos), no Brasil já se pode contar com cerca de 70 escolas Waldorf [28]. Além disso, em 2017, o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) autorizou a abertura do Curso de Graduação em pedagogia (geral) pela Faculdade Rudolf Steiner [29]. Esta instituição encontra-se localizada no prédio da Escola Rudolf Steiner – a primeira escola Waldorf brasileira (fundada em 1956), que atualmente está situada em uma área de 16.666 m² na cidade de São Paulo.

Dois anos após a abertura da primeira escola Waldorf, Steiner se uniu à médica holandesa Ita Wegman (1876-1943) para o desenvolvimento de uma aplicação farmacológica e medicinal da antroposofia. Baseando-se no conhecimento de Steiner sobre a constituição e desenvolvimento humanos e em observações desenvolvidas por Wegman no instituto clínico-terapêutico, fundado por ela, em Arlesheim, Alemanha, eles escreveram o livro *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar: segundo os conhecimentos da ciência espiritual* (1925) [30]. Tal obra tornou-se a pedra fundamental da abordagem de saúde antroposófica.

Ao prefaciар o livro, em 1925, Ita Wegman relata que na antroposofia encontrou uma fonte de sabedoria da qual se poderia haurir conhecimentos capazes de oferecer soluções para problemas ainda não transpostos pela medicina em seu contexto [31].

De maneira ampla, “a medicina antroposófica é um sistema de tratamento multimodal integrativo, uma ampliação da medicina convencional que integra uma abordagem holística sobre o homem e a natureza, e sobre a doença e a cura.” [32]. Tanto ela como a farmacologia antroposófica partem do pressuposto básico de que “[...] além do remédio e da doença há uma pessoa com um equilíbrio único, fisiológico e psicológico, que precisa ser recuperado e harmonizado a fim de recuperar a saúde [...]” [12].

Dessa forma, durante o processo de tratamento, são vistos como interpenetradas a organização corporal, psicológica e vital do indivíduo, sendo considerado que a superação da doença depende de intervenções terapêuticas (no sentido psicológico) além do tratamento corporal, já que é a pessoa inteira que padece. Adicionalmente, “entre os princípios que conduzem o cuidado médico antroposófico, estão o reconhecimento da autonomia e da dignidade do paciente e o estímulo para que as pessoas auxiliem a si mesmas.” [32].

Considerando, entre outras premissas, os estímulos da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o uso de medicinas complementares e alternativas nos sistemas públicos, em conjunto com as técnicas modernas da medicina ocidental¹¹, a partir de 2006, o Ministério da Saúde, no Brasil, outorgou – por meio da portaria n. 1.600 de 17 de julho de 2006¹² – a constituição do observatório das experiências de medicina antroposófica no Sistema Único de Saúde (SUS) [33].

A portaria reconhece que a medicina antroposófica “[...] é um sistema médico complexo, de abordagem integral e dinâmica do processo saúde-doença, que oferece possibilidades para a ampliação da atenção à saúde por meio de técnicas, recursos e abordagens de baixa complexidade tecnológica [...]” [33].

Dessa forma estabelece como objetivos:

1. instituir Observatório das experiências já consolidadas de Medicina Antroposófica no SUS, articulando-se as três esferas de gestão;
2. desenvolver metodologias apropriadas para o acompanhamento e avaliação das práticas desenvolvidas nos serviços; e
3. elaborar e publicar material informativo sobre os resultados dos Observatórios. [33]

¹¹ Pressupostos contidos no documento *Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional 2002-2005*.

¹² A portaria foi sancionada pelo ministro da saúde José Agenor Álvares da Silva, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Segundo pesquisa realizada por Peter Zimmermann, em 2013, a Federação Internacional dos Médicos Antroposóficos registrava, em 2012, cerca de 3.200 médicos com formação completa na medicina antroposófica atuando em todo o mundo. Ao todo, 31 países mantinham associações médicas filiadas à Federação, dos quais 18 situavam-se na União Europeia. Estimativas da mesma organização apontavam para a existência de cerca de 15.000 médicos, com diversas formações, que prescreviam medicamentos antroposóficos em âmbito mundial [34].

Estes medicamentos são produzidos por diversos laboratórios homeopáticos e fitoterápicos de embasamento antroposófico, dentre os quais pode-se destacar a Weleda, o Wala, e o Abnoba.

Tomando-se somente a Weleda, a título de exemplificação, tem-se uma rede de laboratórios presente em mais de 22 países, em várias partes do mundo, pela qual são desenvolvidos medicamentos fitoterápicos: livres de corantes, conservantes e perfumes artificiais; desenvolvidos com matérias-primas vegetais cultivadas sob o método biodinâmico; não agressivos ao meio ambiente; e não testados em animais [35] [36]. Segundo a Sociedade Antroposófica Brasileira, há cerca de 700 pontos de venda de medicamentos produzidos pelo Instituto Weleda no Brasil [36].

Além de Ita Wegman e Rudolf Steiner, também contribuiu para a criação da farmacologia antroposófica o químico-farmacêutico austríaco Oskar Schmiedel (1887-1959).

Adicionalmente ao trabalho nos laboratórios, há ainda a atuação do farmacêutico antroposófico, em diversos contextos. Dessa forma, a Resolução n. 465 de 24 de julho de 2007, do Conselho Federal de Farmácia, dispôs sobre as atribuições do farmacêutico no âmbito da farmácia antroposófica, considerando, entre outras premissas “[...] que a Farmácia Antroposófica é a ciência farmacêutica que se deriva da ciência farmacêutica convencional e da antroposofia [...] [37].

Dando andamento ao seu intenso trabalho de aplicação da antroposofia, em junho de 1924, em Breslau, Steiner proferiu oito conferências para um grupo de agricultores sobre um método de organização agrícola com base em fundamentos antroposóficos. Estas conferências foram editadas sob o título *Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida nova para a terra* [3] e constituem um dos fundamentos da agricultura biodinâmica.

Neste livro Steiner fala, por exemplo, da atuação de substâncias como o nitrogênio, o enxofre, o oxigênio, a cal e a sílica sobre o desenvolvimento das culturas, instruindo sobre como utilizá-las; orienta a preparação e a aplicação de compostos de adubação e controle de insetos

na lavoura com base em pressupostos, ao mesmo tempo, esotéricos, homeopáticos, astronômicos e astrológicos; e ensina técnicas de manejo do solo e rotatividade de culturas; entre outras abordagens [3].

Tudo isso é apresentado na obra de uma forma muito peculiar. As seções do livro são enumeradas, no sumário, com o acompanhamento de frases que distinguem seus temas. Entre elas encontram-se: *O hidrogênio como transportador às vastidões do Universo; As substâncias protéticas primordiais e o caos da semente; Relação pessoal com o adubo; Força vitalizante de adubação, concentrada no conteúdo de chifre de vaca; A urtiga, a maior benfeitora da vegetação; Impregnar o solo de sensatez; Atuação da Lua e de Vênus no reino animal* [3]. Enfim, temas que exprimem a natureza desta prática e que surpreendem o leitor iniciante.

Para entendimento geral, pode-se afirmar que a agricultura biodinâmica constitui, do ponto de vista da ciência agrícola, um movimento pioneiro de agricultura orgânica. Do ponto de vista antropológico, é um movimento de agricultura que considera as inter-relações entre as atividades de cultivo e pecuária com a atividade cósmica, o envolvimento espiritual do indivíduo que cultiva e a atuação de seres elementares que habitam a lavoura.

O filme *O desafio de Rudolf Steiner*, produzido por Sue Smee, em 2012, contém uma passagem que ajuda a captar a lógica geral implicada na agricultura biodinâmica. Nesta passagem, o agricultor e pecuarista biodinâmico, Tom Ventham, de Brighton, Inglaterra, explica, em tom tranquilo:

[...] eu conheci a Agricultura Biodinâmica bastante tarde. Eu fui educado de uma maneira completamente diferente desta. [...]. Cresci em uma fazenda [...] e foi durante minha estada na África que conheci o movimento da Biodinâmica. E, ele me motivou a olhar para dentro de mim, para dentro da fazenda, ao invés de olhar para fora. Acredito que durante toda a minha vida, eu fui condicionado [...] a analisar a produção e o que mais de material que estivesse sendo realizado. Eu descobri que quando se olha para dentro, assegurando-se de que o todo está bem [...] o resultado será bom. [...]. Mas veja, eu costumava contar os litros de leite, e hoje eu não faço mais. É um desastre, porque se você medir a quantidade de leite, irá ter aquilo como medida de sucesso. E a questão é: não é o tanto de leite que importa, é o animal. [38]¹³.

Em dezoito países¹⁴, inclusive no Brasil, os produtos da agricultura biodinâmica são comercializados sob a marca *Demeter*, que estabelece normas de produção conforme a *Demeter Internacional* [39]. Além dos produtores cadastrados, há centenas de outros, que apenas desenvolvem os princípios biodinâmicos pelo mundo, para consumo próprio ou para escolas

¹³ O trecho mencionado se encontra aos 12' e 27'' do filme.

¹⁴ Os dezoito países são: Alemanha, Brasil, Dinamarca, Egito, Finlândia, França, Inglaterra, Irlanda, Itália, Canadá, Luxemburgo, Nova Zelândia, Países Baixos, Noruega, Áustria, Suécia, Suíça e Estados Unidos da América [40].

Waldorf e outros contextos. Estes não são computados nas estimativas internacionais sobre o tamanho do movimento.

Diante destas contribuições para o conhecimento, diversos críticos [18] [16] avaliam que foi um demérito (intransponível) para Steiner ter se envolvido com o ocultismo, tornando-se o líder de uma comunidade que o considerava uma espécie de “guia espiritual”.

“Rudolf Steiner” é um dos títulos da coleção *Mestres do esoterismo ocidental*¹⁵ [40]. Sob a interpretação da comunidade científica, ter merecido protagonizar uma coleção como estas, ao lado de Helena Blavatsky e Paracelso, é um caminho sem volta. Sua não aceitação no meio acadêmico parece não ser tanto uma consequência dos resultados de suas pesquisas (que nem sequer foram seriamente avaliadas), mas de como ele procedia suas investigações e do que mais ele fazia além de pesquisar.

De fato, a interpretação dos feitos de Steiner por uma parte de seus estudiosos esteve cercada de dogmatismo, o que lhe lançou um ar duvidoso. Contudo, “os conceitos que ele desenvolveu abrem novas perspectivas na natureza da ciência [...]” [12] e “em todos os pontos, seus termos podem estar relacionados à vida; eles [...] [promovem mudanças] ao nos fazer vê-la de modo diferente [...]” [12]. Além disso, é difícil ignorar sua notável capacidade de realização.

Na noite de São Silvestre (31 de dezembro) de 1922, um incêndio intencional acometeu o Primeiro Goetheanum. Neste dia comemorativo, Steiner desenvolvia uma conferência sobre ciências naturais, quando os primeiros sinais de fumaça foram notados e o edifício foi evacuado. Segundo as palavras de uma testemunha:

A notícia era: Fumaça na sala branca. Imediatamente se abriram e examinaram todos os recintos na ala sul do prédio. Em nenhuma dessas salas havia vestígios de fogo. Da parede externa do lado oeste da ala sul saía fumaça... Imediatamente essa parede foi rompida, tornando evidente que a estrutura interior da parede externa estava em brasas. [...]. Em poucos minutos, várias linhas de mangueiras foram colocadas, subiu-se ao terraço e cobriu-se de água o foco [...]. Ainda acreditávamos que fosse possível conter e extinguir o incêndio. [...]. Tudo o que era transportável foi salvo. Uma voz nos transmitiu a ordem de Rudolf Steiner para deixarmos o prédio. A força do fogo vencera a vontade humana. Por volta da meia-noite, as cúpulas desabaram, e ainda às 7 horas da manhã as imponentes colunas flamejavam no elemento destruidor. [15]

O motivo do crime, provavelmente, foi o posicionamento radical de milícias contrárias às ideias disseminadas pela Sociedade Antroposófica.

¹⁵ Esta coleção foi lançada na década de 1980 pela *North Atlantic Books* e traduzida pela editora Madras, nos anos 2000.

No ano anterior, Steiner havia sofrido um atentado à mão armada em um hotel, em Munique. Acredita-se que tanto este ato quanto a aniquilação do Primeiro Goetheanum tenham sido realizados (conforme ameaças anteriores) por jovens integrantes do movimento nacional-socialista.

No dia seguinte ao incêndio, como programado, Steiner continuou seu curso sobre ciências naturais à hora marcada. “Como se nada tivesse acontecido, [...] o trabalho teve prosseguimento. Nenhum programa deixou de realizar-se, nem mesmo a apresentação da Peça Natalina no dia de ano novo, quando os destroços ainda ardiam dois passos adiante.” [41].

A ação de Steiner após a destruição de sua gigante obra arquitetônica foi a de reestruturar a Sociedade Antroposófica, tornando-se seu presidente e estabelecendo novas diretivas e atividades em seu interior. Também projetou o Segundo Goetheanum – uma obra de concreto, com princípios de arquitetura orgânica, que viria a ser construído a partir de 1924 no mesmo local do edifício anterior.

Steiner não viu a conclusão desta obra. Ele faleceu, precocemente, aos 64 anos, por causas não esclarecidas pelo relato biográfico [41] [17] [15] [1] [42] [40].

Seu adoecimento começou em janeiro de 1924 (ano em que se iniciou a estruturação da Escola de Ciência Espiritual [43]) e ele deixou de trabalhar apenas em setembro. Nos seus últimos 272 dias ativos, ele proferiu 338 conferências e 60 alocações, entrevistas e sessões de perguntas e respostas [15]. Depois de deixar suas atividades, permaneceu mais seis meses no leito, onde trabalhou até os últimos dias em sua autobiografia. Sua morte ocorreu no dia 30 de março de 1925, em Dornach, Suíça.

Como uma inferência das transformações ocorridas no percurso de Steiner por volta dos anos 1890, parece interessante considerar as palavras de Wilson:

Lentamente Steiner deixava de ser o jovem tímido, esquivo e acanhado, de quem Friedrich Eckstein dissera ‘Ele não sabia nada’. Levava muito tempo para crescer. Durante a primeira metade de sua vida fora um típico outsider, mergulhado no mundo de seus próprios pensamentos, olhando para o mundo real como se estivesse olhando através do vidro de um aquário. Agora, afinal, estava em contato com o mundo real, e não sentia mais necessidade de voltar apressadamente para a segurança de seu mundo mental. [17]

Esta interpretação muito pessoal angaria valor quando lembramos que ela foi proferida por Colin Wilson, o autor do best-seller inglês *The outsider*, de 1956. Entretanto, uma discordância em relação a uma de suas inferências seria justa: Steiner jamais esteve plenamente

integrado. O que ele fez foi estender absurdamente o tamanho de seu círculo, abarcando uma legião de indivíduos com visões de mundo e propósitos consonantes.

Para o “mundo lá fora”, entretanto, ele permaneceu sendo interpretado como um ser enigmático: um pretense cientista cujas ideias espirituais se tornaram impossíveis de se omitir ou julgar como apartadas de sua produção intelectual (tal como se procede em relação a Galileu, Kepler, Newton e tantos outros). Ele foi, radicalmente e até o final da vida, um típico *outsider*. E em vários níveis, a ciência convencional tem perdido muito, até hoje, por não considerar suas contribuições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que as contribuições de Rudolf Steiner a diversas áreas do conhecimento foram frutíferas. Suas iniciativas proliferaram e mantêm-se vivas e em expansão até hoje, a despeito da rejeição acadêmica.

O presente artigo teve como objetivo examinar a interação entre ciência, espiritualidade e realizações no percurso de vida de Rudolf Steiner, bem como os impactos desta relação na convivência da obra do autor com a comunidade acadêmica. Neste sentido, destacou-se suas contribuições na agricultura, na pedagogia, na arquitetura, na farmácia e na medicina.

A ciência e a espiritualidade de Steiner são interdependentes, fato que torna impossível compreender uma sem a outra. As realizações práticas, em várias áreas do conhecimento, que o autor conduziu ao longo de sua vida, contaram sempre com uma interface científico-espiritual. Esta foi, segundo as evidências, a principal causa do afastamento entre suas produções e a comunidade acadêmica.

A evidente opulência de suas contribuições, que permanecem mantendo diferenciações em relação a outras abordagens, indica que a ciência convencional perde ao não integrar o legado de Rudolf Steiner ao seu acervo.¹⁶

REFERÊNCIAS

[1] STEINER, Rudolf. **Minha vida**: a narrativa autobiográfica do fundador da antroposofia. São Paulo: Antroposófica, 2006.

¹⁶ O presente artigo toma como base a seção 3 – *Rudolf Steiner e a ciência espiritual* – da tese *Anarquismo epistemológico em ação: a ciência de Rudolf Steiner na perspectiva do pluralismo global de Paul Feyerabend*, da autora Francine Marcondes Castro Oliveira [45].

- [2] SCIALABBA, Nadia El-Hage. Foreword. In: LOCKERETZ, Wiliam (Ed.). **Organic farming**: na international history. Oxfordshire, OX: CABI Head Office; Cambridge, MA: CABI North American Office, 2007, p. ix-xi.
- [3] STEINER, Rudolf. **Fundamentos da agricultura biodinâmica**: vida nova para a terra. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2010.
- [4] STINNER, D. H. The Science of organic farming. In: LOCKERETZ, Wiliam (Ed.). **Organic farming**: na international history. Oxfordshire, OX: CABI Head Office; Cambridge, MA: CABI North American Office, 2007, p. 40-72.
- [5] CARDOSO, Jacira. Prefácio. In: STEINER, Rudolf. **Minha vida**: a narrativa autobiográfica do fundador da antroposofia. São Paulo: Antroposófica, 2006, p. 17-18.
- [6] STEINER, Rudolf. **A obra científica de Goethe**. São Paulo: Antroposófica, 1984.
- [7] GOETHE, J. W. **A metamorfose das plantas**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 2005.
- [8] STEINER, Rudolf. **Arte e estética segundo Goethe**: Goethe como inaugurador de uma estética nova. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1998.
- [9] BACH JUNIOR, Jonas. **A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade**: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner. 2012. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, 2012.
- [10] STEINER, Rudolf. **Verdade e ciência**: prelúdio a uma "filosofia da liberdade". São Paulo: Antroposófica, 1985.
- [11] STEINER, Rudolf. **A filosofia da liberdade**: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo método das ciências naturais. São Paulo: Antroposófica, 2000.
- [12] WELBURN, Andrew. **A filosofia de Rudolf Steiner e a crise do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Madras, 2005.
- [13] VEIGA, Marcelo da. **A obra de Rudolf Steiner**: orientação geral sobre a obra e explanações introdutórias dos livros básicos. São Paulo: Antroposófica, 1994.
- [14] WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Erdmann von. O acervo Nietzsche na biblioteca Herzogin Anna Amália em Weimar. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 367-381, jul./dez. 2008.
- [15] HEMLEBEN, Y. **Rudolf Steiner**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1989.
- [16] ZWEIG, Stefan. **Autobiografia**: o mundo de ontem. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- [17] WILSON, Colin. **Rudolf Steiner**: o homem e sua visão. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

[18] ULLRICH, Heiner. Rudolf Steiner (1861-1925). **Prospects**: the quarterly review of comparative education. Paris, UNESCO: International Bureau of Education, vol.XXIV, no. 3/4, 1994, p. 555-572. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/sites/default/files/steinere.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

[19] PLATO, Bodo von. A escola de ciência espiritual e o movimento antroposófico. In: KÜBL, Johannes; PLATO, Bodo von; ZIMMERMANN, Heinz. **A escola de ciência espiritual**: Goetheanum. São Paulo: Antroposófica, 2014.

[20] STEINER, Rudolf. **O conhecimento dos mundos superiores**: a iniciação. São Paulo: Antroposófica, 1983.

[21] ANTHROPOSOPHIE. Kunste & Architektur. **Rudolf Steiner als Architekt**: das erste Goetheanum von oben. 2018. Disponível em: <https://www.anthroposophie.ch/de/kuenste-architektur/themen/artikel/architektur/rudolf-steiner-als-architekt.html>. Acesso em: 5 maio 2018.

[22] BRAGA, Raquel Dias Vieira. **Goetheanum, arquitetura enquanto metamorfose**. 1999. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 1999, p. 82.

[23] MOLT, Emil. A fundação da escola Waldorf. In: BELTLE, Érika; VIERI, Burt (Org.). **Nós convivemos com Rudolf Steiner**. São Paulo: João de Barro, 2006, p. 57-72.

[24] STEINER, Rudolf. **A arte da educação II**: Metodologia e didática. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003b.

[25] STEINER, Rudolf. **A arte da educação I**: o estudo geral do homem: uma base para a pedagogia. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003a.

[26] STEINER, Rudolf. **A arte da educação III**: Discussões pedagógicas. São Paulo: Antroposófica, 1999.

[27] FREUNDE DER ERZIEHUNGS KUNST RUDOLF STEINER. **Waldorf World List**. Disponível em: <https://www.freunde-waldorf.de/en/waldorf-worldwide/waldorf-education/waldorf-world-list/>. Acesso em: 17 maio 2016.

[28] BIBLIOTECA VIRTUAL DA ANTROPOSOFIA. **Escolas Waldorf**: Brasil. Disponível em: <http://www.antroposofy.com.br/wordpress/escolas-waldorf-2/escolas-waldorf/>. Acesso em: 28 mar. 2016.

[29] FACULDADE RUDOLF STEINER. **Site oficial**. Disponível em: <http://faculdaderudolfsteiner.com.br/faculdade-rudolf-steiner/>. Acesso em: 5 maio 2018.

[30] STEINER, Rudolf; WEGMAN, Ita. **Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar**: segundo os conhecimentos da ciência espiritual. 3. ed. São Paulo: Antroposófica; São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2007.

[31] WEGMAN, Ita. Prefácio. In: STEINER, Rudolf; WEGMAN, Ita. **Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar**: segundo os conhecimentos da ciência

espiritual. 3. ed. São Paulo: Antroposófica; São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2007.

[32] KIENLE, Gunver S. et al. Medicina antroposófica: um sistema de medicina integrativa originado na Europa. **Arte Médica Ampliada**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 7-19, jan.-mar. 2015.

[33] BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 1.600 de 17 de julho de 2006. Aprova a constituição do observatório das experiências de medicina antroposófica no Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 136, 18 jul. 2006. Seção 1, p. 65.

[34] ZIMMERMANN, Peter. A situação legal e política da medicina antroposófica em nível mundial: uma declaração de posicionamento. **Arte Médica Ampliada**, São Paulo, v. 33, n. 2, 54-62, abr.-jun. 2013.

[35] WELEDA. **Desde 1921**: Weleda, uma empresa inspirada pela antroposofia. Disponível em: <https://www.weleda.com.br/weleda/nossa-heranca/desde-1921>. Acesso em: 09 maio 2017.

[36] SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA BRASILEIRA. **Weleda**. Disponível em: <http://www.sab.org.br/farm/wel1.htm>. Acesso em: 6 maio 2018.

[37] BRASIL. Conselho Federal de Farmácia. Resolução n. 465, de 24 de julho de 2007. Dispõe sobre as atribuições do farmacêutico no âmbito da Farmácia Antroposófica e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 158, 16 ago. 2007. Seção 1, p. 95.

[38] O DESAFIO de Rudolf Steiner: parte 1. Produção de: Sue Smee. 2012. 1 DVD (93 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXF3rGCKDLo>. Acesso em: 6 maio 2018.

[39] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGRICULTURA BIODINÂMICA. **Normas Demeter de produção**. Disponível em: <https://biodinamica.org.br/5/certificacao/78-normas-demeter-de-producao>. Acesso em: 4 maio 2018.

[40] SEDDON, Richard (Coord.) **Rudolf Steiner**. São Paulo: Madras, 2007. (Coleção Mestres do esoterismo ocidental).

[41] MEYER, Rudolf. **Quem era Rudolf Steiner?** São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1969.

[42] BELTLE, E.; VIERL, Kurt. **Nós convivemos com Rudolf Steiner**. São Paulo: Antroposófica, 2006.

[43] ZIMMERMANN, Heinz. O caráter da escola de ciência espiritual. In: KÜBL, Johannes; PLATO, Bodo von; ZIMMERMANN, Heinz. **A escola de ciência espiritual**: Goetheanum. São Paulo: Antroposófica, 2014, p. 15-26.

[44] OLIVEIRA, Francine Marcondes Castro. **Anarquismo epistemológico em ação**: a ciência de Rudolf Steiner na perspectiva do pluralismo global de Paul Feyerabend. Tese

(Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2019.